



## **“PROFESSORAS ARTICULADORAS” NAS ESCOLAS DE EDUCAÇÃO INFANTIL DA REDE MUNICIPAL DO RIO DE JANEIRO: IMPLICAÇÕES PARA A COORDENAÇÃO PEDAGÓGICA**

Vanessa Coutinho Fagundes - UFRJ  
Adriana de Oliveira Milagres - UFRJ

### **RESUMO**

O presente trabalho se objetiva por refletir sobre a presença de professoras articuladoras na rede pública de ensino do município do Rio de Janeiro - SME/RJ, através das discussões construídas a partir da Extensão Universitária organizada pelo Grupo de Pesquisa e Estudos sobre Profissão e Formação Docente - GEPROD/UFRJ. Com título "Conversas com coordenadores pedagógicos", tal ação tem buscado construir espaços dialógicos com esses profissionais de educação das redes públicas de ensino, no que se refere à formação continuada. Nesse processo, sobressaiu-se a quantidade de professoras, que atuavam na coordenação do trabalho pedagógico, identificando-se como professoras articuladoras do segmento da Educação Infantil. Diante disso, foram evidenciadas inquietações quanto ao exercício do cargo de coordenador em meio a desqualificação desse na SME/ RJ, visto que, por um lado, não há indícios de qualquer ação para normatizar e legalizar tal atuação; por outro, tais profissionais não são impedidas de tomarem à frente em coordenar as demandas e os desafios impostos pela realidade em seus espaços de atuação. Os autores Franco (2008, 2016), Placco (2011, 2013), Orsolon (2006), Nascimento, Flores, Xavier (2019), dentre outros, foram imprescindíveis para refletir sobre a construção da identidade e atuação desses profissionais. Essa pesquisa de caráter qualitativo tem buscado refletir sobre os conteúdos dos encontros na extensão (em especial, no que se refere às participações das professoras articuladoras e dos temas afins) e fazer análise documental (institucionais e legislações).

**Palavras-chave:** Formação de professores. Política de formação docente. Coordenação Pedagógica. Identidade profissional.

### **INTRODUÇÃO**

Pensar a práxis dos coordenadores/as pedagógicos/as tem sido uma inquietação. Dados de pesquisa realizada anteriormente indicaram que docentes que ocupavam essa função em escolas da rede municipal de educação do Rio de Janeiro enfrentavam um assoberbamento dos fazeres na escola, num cenário da falta de tempo e sem se reconhecerem como sujeitos que refletem sua formação, sua identidade e sua função. Pode-se afirmar que desenvolviam seu trabalho, sobrevivendo, às demandas burocráticas. (FRANCO, 2008; 2016).



XXII ENCON

Buscando compreender melhor essa situação, temos participado de um projeto de extensão intitulado “Conversas com coordenadores/as pedagógicos/as sobre a formação continuada de professores”, voltado para a reflexão sobre a formação de professores/as, sua complexidade, desafios e possibilidades.

Essa ação extensionista está dirigida a coordenadores/as pedagógicos/as que atuam em redes públicas de ensino do Estado do Rio de Janeiro, convidados a participarem, quinzenalmente, de encontros remotos no formato de rodas de conversas. Nesses encontros, os/as participantes têm discutido a partir de estudos de caso de ensino (Nono e Mizukami, 2002), buscando rever o significado do seu papel, de modo a consolidar que através da reflexão (Christov, 2010), outros caminhos são possíveis para o alcance de tais objetivos vislumbrados no seu fazer.

O grupo de coordenadores/as varia em torno de 40 participantes, majoritariamente mulheres<sup>1</sup>, dentre as quais há um grupo de nove professoras que atuam na Educação Infantil (EI), coordenando pedagogicamente o trabalho realizado em suas escolas. Contudo, essas coordenadoras pedagógicas não possuem o cargo de coordenação. São denominadas como “professoras articuladoras” e não gozam dos mesmos direitos das coordenadoras que atuam no Ensino Fundamental, incluindo-se aí a gratificação pela função.

Evidenciou-se, desde o início dos trabalhos, um sentimento de descontentamento pela descaracterização do fazer e um conflito por se identificarem como coordenadoras pedagógicas, mas, com o título de professoras articuladoras. Tais implicações na constituição identitária dessas profissionais, coordenadoras da EI, carregam marcas que corroboram com uma desvalorização da profissionalização de toda uma categoria. Tal quadro indicou a necessidade de um urgente aprofundamento sobre a situação.

Diante dessa constatação, emergiram algumas questões que se constituem como ponto de partida e eixo condutor para este trabalho: Como essas professoras compreendem o seu trabalho no contexto da rede municipal de ensino do Rio de Janeiro? Como sua identidade profissional tem sido construída diante de tensionamentos oriundos de uma certa invisibilidade, visto que não detém o cargo de coordenação pedagógica?

Nessa perspectiva, buscamos aqui refletir sobre o lugar da Educação Infantil na referida rede, a partir dos relatos dessas professoras nos primeiros encontros da atividade extensionista.

---

<sup>1</sup> Em razão disso, utilizaremos a forma feminina quando nos referirmos ao grupo das coordenadoras participantes.

Como pesquisa qualitativa, neste recorte, busca-se perceber e refletir sobre experiências da coordenação pedagógica na Educação Infantil no âmbito da rede de ensino em pauta e, a partir disso, dialogar com autores-referências da área.

Os encontros realizados dentro da atividade de extensão têm viabilizado oportunidades para reflexões, a partir de um caso de ensino, discutido a cada encontro.

Tomaremos, para efeito desse trabalho, os relatos das coordenadoras no primeiro encontro, que teve uma dinâmica baseada na técnica criada por Célestin Freinet, denominada como Reunião Cooperativa (Cavalcanti e Boleiz Junior, 2023).

A atividade proposta foi que cada participante se apresentasse, explicitando inicialmente, como na reunião de cooperativa, o que eu gosto / felicito e o que eu não gosto / critico no meu trabalho como coordenadora pedagógica.

Nesse momento, as professoras que atuavam na Educação Infantil, de forma unânime, escolheram falar sobre as duas opções, pois havia algo maior e inquietante em suas condições de trabalho. Nos relatos sobre o ser/estar como coordenadoras pedagógicas nas escolas de Educação Infantil, as professoras encontraram um espaço para construir posicionamentos pertinentes, cada uma a partir de suas realidades vividas.

Com o consentimento das participantes, o encontro foi gravado e posteriormente transcrito. Esse é o material empírico que tomamos por base do presente trabalho.

## **RESULTADOS E DISCUSSÃO**

Os resultados são bastante preliminares, pois o estudo está em andamento, concomitantemente com a extensão, fonte dos registros das vivências até então captadas dos relatos das participantes sobre o seu cotidiano escolar.

Nos relatos das professoras articuladoras, têm sido indicados que, mesmo com falta de normatização da atuação delas como coordenadoras pedagógicas, isso não tem sido impedimento para tomarem à frente em coordenar as demandas e os desafios impostos pela realidade dos seus espaços de ocupação e atuação.

No que se refere às diferenças entre os cargos de professora articuladora e coordenadora pedagógica, um aspecto que tem sido ressaltado, refere-se à gratificação, visto que a função de professora articuladora não possui remuneração. Portanto, esse fato as coloca



XXII ENCONTRO NACIONAL DE DIDÁTICA E PRÁTICAS DE ENSINO

à margem de outros segmentos de ensino (Ensino Fundamental I e II) da Educação Básica, na mesma rede de ensino, que remuneraram seus coordenadores pedagógicos, incluindo nesse ato: código de nomeação, publicação em diário oficial, carga horária específica.

Com esse movimento de crítica ao sistema, as Professoras de Educação Infantil problematizam o exercício de suas funções que, como aponta Mate (2014, p.20) “são modos próprios de fazê-los, tendo em vista suas especificidades culturais, profissionais, enfim, situações singulares que demandam encaminhamentos também singulares”. Assim, não são os mesmos afazeres que coordenadoras pedagógicas dos segmentos do Ensino Fundamental I e II possuem, suas demandas e ocorrências do dia a dia são outras e estão intrínsecas ao movimento de pensar a Educação Infantil na Educação Básica.

Em que pese esse sentimento de desvalorização, as Professoras de Educação Infantil também destacam as percepções positivas de exercerem tal papel, pois, isso não as impedem de vislumbrar um desejo de realização profissional, frente ao desafio de não estarem como regentes na sala de aula. A satisfação de articular o trabalho pedagógico com seus pares, a força de acolher as famílias, a busca por organizar vivências coletivas, o compromisso de intermediar conflitos e necessidades relacionais, a dedicação de mobilizar a formação continuada em serviço foram aspectos positivos compartilhados com o grupo.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Com base nos relatos dessas “professoras articuladoras”, podemos considerar que, em relação à atuação na coordenação pedagógica no segmento da Educação Infantil na rede municipal do RJ, a construção da identidade profissional dessas profissionais que, por vários anos de experiência na regência de turma, são reconhecidas para estarem à frente, na liderança pedagógica de uma escola, fica vulnerável e comprometida.

Pensando em vias institucionais, não há uma mobilização e tampouco, uma política educacional própria da rede prevista para extinguir essa situação, o que gera, segundo as professoras ouvidas, descrença, instabilidade e desmotivação. Essas professoras apontam que vivem o mesmo percurso que constrói a identidade docente desses profissionais como atuantes na coordenação escolar, reconhecendo-se como em igual posição, porém com seus direitos da categoria ainda não garantidos.

Por fim, é importante ressaltar a universidade como espaço dialógico que pode trazer à tona inquietações, problemáticas vividas pelos/as docentes no cotidiano dos seus trabalhos, a



XXII ENCONTRO NACIONAL DE DIDÁTICA E PRÁTICAS DE ENSINO  
fim de buscar caminhos compartilhados para o enfrentamento dos desafios e para a luta por melhores condições de trabalho.

## REFERÊNCIAS

CAVALCANTI, Adriana; BOLEIZ JUNIOR, Flávio. Reunião Cooperativa: contribuições para o processo de ensino e aprendizagem na gestão das relações sociais do ensino fundamental. *Geoconexões*, Natal, v. 2, n. 16, p. 212-226, 2023

CHRISTOV, Luiza Helena da Silva. Garota Interrompida: Metáfora a ser enfrentada. In: PLACCO, Vera Maria Nigro de Souza; ALMEIDA, Laurinda Ramalho de (Org.). **O coordenador pedagógico e o cotidiano da escola**. São Paulo: Edições Loyola, 2010.

GUIMARÃES, Ana Archangelo *et al.* **O coordenador pedagógico e a educação continuada**. São Paulo: Edições Loyola, 2014. 20 p.

FRANCO, Maria Amélia Santoro; CAMPOS, Elisabete F. **A coordenação do trabalho pedagógico na escola: Processos e práticas**. Editora. Universitária Leopoldinaum, 2016.

\_\_\_\_\_, Maria Amélia Santoro. **Coordenação Pedagógica: uma práxis em busca de sua identidade**. 1. ed. Local: Revista Múltiplas Leituras, 2008. 117-131 p. v. 1.

NASCIMENTO, Maria Das Graças; FLORES, Maria José Batista Pinto; XAVIER, Daianne. **Indução profissional: desafios e tensões no contexto de uma política pública**. Currículo sem Fronteiras, 2019.5

NONO, Maévi.; MIZUKAMI, Maria. Casos de ensino e processos de aprendizagem profissional docente. **Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos**, v. 83, n. 203-04-05, 1 dez. 2002.

ORSOLON, Luzia A. M. O coordenador/ formador como um dos agentes de transformação da/na escola. In: ALMEIDA, Laurinda Ramalho de; PLACCO, Vera Maria Nigro de Souza (Org.). **O Coordenador pedagógico e o espaço de mudança**. 5. ed. São Paulo: Loyola, 2006.



PLACCO, Vera Maria Nigro de Souza. ALMEIDA, Laurinda Ramalho de. SOUZA, Vera Lucia Trevisan de (Coord.). **O Coordenador Pedagógico e a formação de professores: intenções, tensões e contradições.** Pesquisa desenvolvida pela Fundação Carlos Chagas por encomenda da Fundação Victor Civita. Estudos & pesquisas Educacionais. SP: Abril, 2011.

\_\_\_\_\_, Vera Maria Nigro; DE SOUZA, Vera Lúcia Trevisan; DE ALMEIDA, Laurinda Ramalho. **O coordenador pedagógico: aportes à proposição de políticas públicas.** São Paulo: Scielo Brasil, 2013.